

infantojuvenil

Luciana
Loew

Envergonhado

É muita vergonha que eu sinto.
Tanta,
Mas tanta,
Que dá vontade até de sumir.
Não sei por quê, mas é assim.
Uma vergonha do tamanho de um elefante.
Maior.
É uma vergonha gigante.

É só um vizinho entrar no elevador e dar bom dia.
É só encontrar aquela velha tia.
É uma vergonha constante.

Pior é quando insistem:

“Bom dia!
Ah, não vai me responder?
Tô te vendo aí atrás!
Quantos anos você tem?”

O gato comeu a sua língua?”

Por quê?

Mas não é só... a vergonha também aparece em momentos estranhos.

Por exemplo:

Ganhar presente.

Tirando quando é de pai e de mãe,
Ganhar presente me dá muita vergonha.

“Gostou?

Agradece a tia Margarida!

Diz que adorou as meias novas!

Ah, ele adora camisas xadrez!”

E pior ainda é elogio.

Tem coisa que dá mais vergonha que elogio?

Era pra ser gostoso:

“Você é muito inteligente, mocinho!”

“Olavinho, mostra que já sabe contar até quinze!”

“Olha como ele desenha bem! Vem ver!”

“Olavinho, desenha um urso!”

Mas a verdade é que elogio me dá muita vergonha.

Tropeçar no meio do recreio,

Fazer barulho no meio do silêncio,

Falar pra um monte de gente ao mesmo tempo;

Muitas coisas dão muita vergonha.

Mas a mamãe diz que que é assim mesmo.

Que a gente não precisa falar com estranhos nem contar a idade que tem.

Não precisa mostrar a língua pra provar que o gato não comeu.

Que tudo bem ser mais calado,

A gente só precisa ser educado,

Dizer por favor e obrigado.

Que dá pra ser um educado envergonhado.

Mamãe diz que, quando a gente cresce, a vergonha passa.

Não consigo imaginar.

Ainda bem que, enquanto isso, estou livre para me envergonhar. ■

Luciana Loew

Ex-aluna de Ficção da pós-graduação Formação de Escritores do Instituto Vera Cruz e hoje cursa Literatura Infantojuvenil na mesma Instituição. É consultora de comunicação digital há mais de dez anos e assina uma coluna na revista *Pais&Filhos* sobre literatura infantil. Tem artigos publicados em revistas como *Galileu* e *Vida Simples*.